

DISCURSO

**DESEMBARGADOR PEDRO CARLOS BITENCOURT
MARCONDES - PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA
DO ESTADO DE MINAS GERAIS**

PROGRAMA VITALICIAR

20 de agosto de 2014

Prezados Juízes e Juízas, meus colegas do Poder Judiciário e da importante missão de promover justiça, quero me dirigir hoje aos Senhores e Senhoras, para falar de uma questão crucial: o papel do magistrado enquanto gestor ou líder. Trata-se de uma exigência cada vez essencial diante da complexidade crescente da instituição judiciária, com o seu agigantamento frente às demandas do nosso tempo.

A nossa formação, regra geral, está voltada para a área jurídica, incluindo não só a teoria, mas também a prática, o exercício das carreiras do Direito. No entanto, ao assumirmos uma unidade jurisdicional, uma comarca ou a liderança de uma instituição, percebemos que estamos diante de uma equipe, de uma organização de trabalho ou de um conjunto de relacionamentos internos e externos. Isso significa, claramente, mais um desafio a ser vencido.

Começo com um conceito do filósofo Emmanuel Levinas, nascido na Lituânia, de família judaica, que viveu os horrores das guerras. Não iremos nos aprofundar no autor e na sua teoria, que não é o propósito deste momento. Levinas instituiu um conceito de ética da responsabilidade, “antepondo a noção de responsabilidade à de amor (considerada ‘suspeita’ demais)”; o sentido ético, para ele, está relacionado à dedicação ao próximo:

“Dizer ‘estou aqui’. Fazer alguma coisa pelo outro. Doar. Ser espírito humano significa isso.”

Continua o filósofo:

“A responsabilidade é aquilo que me incumbe de modo exclusivo e que, *humanamente*, não posso rejeitar. Esse peso é a suprema dignidade do único. Eu não intercambiável, sou eu à medida que sou responsável. Posso substituir todos, mas ninguém pode substituir-me. Essa é a minha inalienável identidade de sujeito. É nesse exato sentido que Dostoiévski diz: ‘Somos todos responsáveis por tudo e por todos, diante de todos, e eu mais que todos os outros’.”

Essa responsabilidade que Levinas chama para si e para o indivíduo pode ser colocada na perspectiva do sujeito ou agente, daquele que assume um encargo e se propõe a realizar, a superar-se e a superar adversidades.

Sabe-se que o tom ou o tônus da equipe está, em grande parte, associado ao líder, que tem esse poder de influenciar positivamente, agregar pessoas em torno de um ideal.

Mario Sergio Cortella é também um filósofo, brasileiro, autor de vários livros. Palestrante renomado, já participou de eventos da Escola Judicial do Tribunal de Justiça.

Um dos assuntos recorrentes de Cortella é a liderança. Na verdade, ele não apresenta novidades, mas sintetiza as questões com propriedade. Por isso, acredito que vale a pena reforçar.

Uma das distinções que ele faz é entre “emprego”, para ele, “fonte de renda”, e “trabalho”, “fonte de vida”. Dessa forma, a gente deve procurar entusiasmo para o desempenho de nossa carreira, algo que nos dê motivação e um sentido mais profundo para a nossa existência.

Quanto ao papel de líder, o filósofo é enfático: "Liderança não é cargo é função. É algo que você faz, mas não está ligado à hierarquia". Para este autor, o líder precisa ser “admirável”, “capaz de inspirar, motivar e animar pessoas, ideias e projetos”.

O filósofo brasileiro fala em competências essenciais para o exercício da liderança:

– Abrir a mente: capacidade de se renovar, buscar novas experiências e conhecimentos neste mundo em constante transformação.

- Elevar a equipe: possibilitar que a equipe cresça junto, dar oportunidades, reconhecer e valorizar. O autor lembra que o bom líder forma novos líderes.

– Recrear o espírito – o enfoque, aqui, é a alegria, sentir-se bem no trabalho. O filósofo lembra que “seriedade não é sinônimo de tristeza; tristeza é sinônimo de problema”.

– Inovar a Obra: buscar novos métodos e soluções, encontrar alternativas mais eficazes.

– Empreender o Futuro: acreditar que é possível planejar e construir o futuro e não apenas aguardá-lo chegar.

Pelo que se pode perceber, se não é uma surpresa, também não se trata de uma tarefa simples ou fácil. Requer exercício, estudo e aprofundamento.

Parabenizo a Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes e o seu superintendente, Desembargador Kildare Gonçalves Carvalho, por mais este curso de aperfeiçoamento do Programa Vitaliciar, dentro desse espírito salutar de atualização permanente.

É sempre encorajador o fato de que podemos aprender sempre, de que o magistrado ou o líder se forma ou se desenvolve... constantemente!

Assumi também, perante os desembargadores, juízes, servidores, profissionais da justiça e sociedade mineira, um grande desafio: estar à frente do Poder Judiciário, instituição da mais alta relevância para o Estado Democrático de Direito.

Preparei-me para assumir esta incumbência, empenhei-me e estejam certos de que me dedicarei, para exercê-la com eficiência e senso de justiça.

Contem com o meu firme propósito de melhorar as condições de trabalho do Judiciário, especialmente da Primeira Instância, por meio de um planejamento sério, que possibilite o investimento na estrutura e em diversas frentes. Estou disposto a buscar inovações, como o processo judicial eletrônico e outros recursos tecnológicos, para facilitar as rotinas e agilizar o serviço prestado ao cidadão.

Os Senhores e Senhoras terão o meu apoio e de toda a minha equipe. Temos esperança, vitalidade e vontade para aperfeiçoar as condições de trabalho e aprimorar a Justiça. E somente conseguiremos fazê-lo com a parceria de cada um dos Senhores e Senhoras.

Desejo-lhes felicidade e sucesso. Por falar em felicidade, concluo com uma das “provocações filosóficas” de Cortella:

“Ser feliz é ser tranquilo! Felicidade como estado de serenidade, como capacidade de atravessar as perturbações cotidianas sem resvalar para o desespero; felicidade como capacidade de amainar a consciência e repousar a mente muitas vezes atormentada; felicidade como vivência plácida, mas distante do imobilismo e bem próxima da paz.”

Muito obrigado!